



Universidade do Minho

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

O caso Jayson Blair / The New York Times: da responsabilidade individual às culpas colectivas ^(*)

Joaquim Fidalgo*jfidalgo@ics.uminho.pt*

Resumo

Quando o *The New York Times*, um dos mais reputados jornais “de referência” a nível mundial, descobriu um conjunto de fraudes repetidamente cometidas – e publicadas – pelo seu jornalista Jayson Blair (nomeadamente plágios e mistura deliberada de informações verídicas com informações ficcionadas), gerou-se um intenso debate no campo jornalístico sobre os mecanismos de controlo de qualidade numa redacção: a sua existência, a sua pertinência, a sua eficácia, o seu alcance, os seus limites. O caso foi visto como tendo afectado fortemente a credibilidade do *The New York Times* junto dos seus leitores e levou ao despedimento do jornalista, à substituição dos dois máximos responsáveis editoriais do jornal e à alteração de um conjunto de procedimentos internos na redacção, entre os quais a nomeação de um “Provedor do Leitor”, até então sempre recusada por aquela publicação. A presente comunicação toma este caso como objecto de estudo, procurando, a partir dos muitos

^(*) Este artigo inscreve-se no projecto de investigação “*MEDIASCÓPIO – Estudo sobre a reconfiguração do campo da comunicação e dos media em Portugal*”, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através do Programa Sapiens (POCTI/COM/41888/2001). As linhas essenciais do seu conteúdo deram origem a uma comunicação, apresentada no II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação / III Congresso da SOPCOM, na Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã – 21 a 24 de Abril de 2004, e publicada em CD-Rom. Entretanto, o texto foi também publicado, como capítulo de livro (pp. 47-70), em Pinto, M. & Sousa, H. (org.) (2007), *Casos em que o jornalismo foi notícia*. Porto: Campo das Letras.

textos (quer informativos, quer opinativos) publicados em diversos “media” nacionais e estrangeiros, sistematizar as questões e os desafios por ele colocados ao exercício de um jornalismo mais **responsável** e mais **responsabilizável**. O argumento que se coloca em discussão é o de que, embora sejam úteis e necessários mecanismos *colectivos* de controlo da produção jornalística no interior de uma redacção para garantir maior rigor, qualidade e transparência, as especificidades desta profissão e do seu exercício concreto implicam sempre uma forte responsabilidade *individual* que nenhum mecanismo de controlo exterior pode garantir cabalmente. De onde a importância de uma sólida formação (inicial e contínua) dos jornalistas nos domínios da ética e da deontologia profissional, como condição imprescindível a um exercício mais independente, autónomo e responsável do ofício de informar.

Palavras-chave: jornalismo, plágio, responsabilidade, ética, deontologia, Jayson Blair,

“Examine the specific sins of Jayson Blair and you will find the common transgressions of everyday journalism. Blair put them together in a spectacular fashion to create a beast that is bigger than the sum of its parts. It’s time to stop shaking our heads at Blair’s audacity, which was immense, and focus on the habits of journalism”.

Kelly McBride ¹

“These guys [director editorial e director-adjunto do The New York Times] did not go down because of the Jayson Blair affair, they went down because the Jayson Blair affair exposed a lot of other things”.

Douglas C. Clifton ²

1. A justificação

O “caso Jayson Blair”, que agitou fortemente os meios do jornalismo e da indústria de *media* – sobretudo nos EUA, mas não só –, em meados do ano de 2003, podia não ter passado de apenas (mais) um caso de plágio na imprensa, concluído com um pedido de desculpas do jornal afectado e o despedimento do profissional responsável por uma conduta individual eticamente reprovável. Não seria, infelizmente, o primeiro – e não será porventura o último. Reduzido a um episódio individual, pontual, anómalo, fruto porventura de uma personalidade doentia e marginal ao sistema mediático institucional, o caso não mereceria grandes análises ou debates. No entanto, ele acabou por ser muito mais do que isso. Para além da circunstância de ter ocorrido num dos mais prestigiados e poderosos exemplos mundiais da imprensa de

¹ Kelly McBride, “What’s fit to print”, in *Poynter Ethics Journal* – *PoynterOnline*, 11.5.03.

² Douglas C. Clifton, cit. por Joe Strupp, “Lessons from the Blair affair”, in *Editor & Publisher*, ed. de 9.6.03.

referência, o *The New York Times* (NYT) – o que levou logo muita gente a glosar o mote de que “*se isto pode acontecer no NYT, então deve acontecer em todo o lado*”³ –, ele provocou ondas de choque que fizeram tremer a casa-mãe mas se propagaram muito para além dela, suscitando variadíssimos debates nos meios jornalísticos, académicos, associativos e empresariais, estimulando a revisão de regras de conduta e mecanismos de controlo de qualidade na imprensa (com realce para a necessária *accountability*, a prestação de contas aos leitores e à sociedade), questionando a eficácia e o grau de exigência da formação dos jornalistas em matérias do foro ético, enfim, alertando para um urgente *back to basics* no que toca aos princípios e valores fundadores do jornalismo, supostamente subalternizados ou ameaçados por uma envolvente sócio-económica e tecnológica muito pressionante e submetidos a uma lógica muito própria – a ‘**lógica de mercado**’.

Visto a esta luz, o “caso Jayson Blair”, por particularmente chocante que tenha sido, dadas a sua desmesura e a sua continuada impunidade, é mais do que uma anormalidade individual, mais do que uma aberração casuística, ultrapassável com a sua pública exposição e uma condenação exemplar; ele acaba (como acabou) por ser sinal e sintoma **(a)** de insuficiências graves de comunicação, organização e gestão no interior da empresa jornalística; **(b)** de pouca transparência e capacidade de diálogo / interacção do jornal com os seus leitores; **(c)** dos riscos de uma cultura de sucesso rápido e espectacular, que leva à desvalorização de regras e rotinas profissionais elementares; enfim, **(d)** da pesada responsabilidade que implica o ofício de jornalista, um ofício alicerçado em bases de confiança que nenhum controlo, por mais presente e rigoroso que seja, alguma vez conseguirá substituir completamente.

É elucidativo que, logo nos primeiros dias após o rebentar do escândalo, o próprio dono do NYT, Arthur Sulzberger, tenha vindo insistir em que aquele era um crime de uma pessoa só (“*The person who did this is Jayson Blair*”⁴) e que não devia, portanto, alargar-se o leque de culpas ao conjunto do jornal, e designadamente aos responsáveis editoriais (“*Let’s not begin to demonize our executives*”⁵). Estava ele longe de imaginar o que se sucederia em catadupa nas semanas seguintes. Jayson Blair foi despedido, sim, mas os principais responsáveis editoriais do NYT – o director e o director-adjunto – também acabaram por se demitir, ao mesmo tempo que se procedeu a uma reorganização vasta do jornal, da sua

³ Robert Leger, presidente da Society of Professional Journalists (EUA), cit. por Fitzgerald, 2003.

⁴ Arthur Sulzberger, cit. em N/A, 2003a.

⁵ Ibidem.

direcção, da estrutura de chefia, dos procedimentos internos, dos mecanismos de relação com os leitores, até do Livro de Estilo. Tudo na sequência de (mesmo que não só por causa de) Jayson Blair.

2. A história

Valerá a pena recordar os principais factos deste caso.

Jayson Blair, um repórter negro⁶ de 27 anos, pertencente aos quadros redactoriais do *NYT* desde 1999 (mas já conhecedor da casa desde que, ainda estudante universitário, ali fizera um ambicionado estágio profissional no Verão de 1998), demitiu-se no dia 1 de Maio de 2003, depois de se ter descoberto que plagiara, inventara ou distorcera uma série de informações e citações em grande número dos trabalhos jornalísticos que assinara, alguns na primeira página. O motivo próximo foi a denúncia, feita por uma jornalista do *San Antonio Express-News* (antiga colega de Blair na Universidade de Maryland e no estágio de 1998 no *NYT*), de que ele copiara partes de uma reportagem por ela publicada originalmente, a propósito de familiares de um soldado americano morto no Iraque. A denúncia do caso saiu a público nas páginas do *Washington Post (WP)*, concorrente conhecido do *NYT* – e, curiosamente, um jornal que, anos atrás (1980), se tinha visto a braços com um embaraço semelhante: a célebre história da repórter Janet Cooke, que recebeu até um Prémio Pulitzer pela reportagem que fizera sobre uma criança toxicodependente e que, pouco tempo passado sobre a publicação, se descobriu ter sido totalmente inventada.

Dadas algumas suspeitas já vindas de trás, o incidente levou a uma investigação no interior do jornal, da qual se concluiu que Jayson Blair vinha sistematicamente, desde há anos, plagiando textos, inventando citações, escrevendo de sítios onde nunca tinha ido, ‘fabricando’ notícias e situações. Só entre Outubro de 2002 e Abril de 2003, altura em que esteve integrado na equipa de jornalistas que faziam o acompanhamento noticioso dos grandes assuntos nacionais, foram descobertas invenções ou incorrecções em 36 dos 73 textos assinados por Jayson Blair. Acresce que, nos quatro anos precedentes em que trabalhara no *NYT*, o repórter já tinha sido obrigado a fazer mais de 50 correcções em trabalhos de sua autoria.

Logo a 11 de Maio de 2003, o *NYT* publica um longo texto de quatro páginas, com abertura na primeira página, em que expõe detalhadamente as dezenas de “*actos de fraude*

jornalística” (N/A, 2003a) assacados ao seu jovem repórter, ao mesmo tempo que pede aos leitores que lhe façam chegar eventuais novas denúncias. Este invulgar pedido de desculpas e esta retratação pública não puseram, contudo, um fim ao caso, como parecia ser desejo dos mais altos responsáveis do *NYT*: resumir tudo a um ‘desvio’ individual, com laivos até patológicos (soube-se, entretanto, que Blair tinha uma história de problemas do foro psicológico, associada a dependências do álcool e de drogas que ele próprio confirmaria), mas insusceptível de beliscar a honorabilidade ou a credibilidade do jornal como um todo. Aliás, o próprio pedido de desculpas, nos termos em que foi feito, suscitou reacções diversas. Não faltou, de um lado, quem aplaudisse a iniciativa:

“O jornalismo americano raramente produziu algo semelhante ao extraordinário acto de contrição que o *NYT* publicou no domingo [11.5.03]” (Rutten, 2003).

“Ao decidir-se pela exposição das fraudes em quatro páginas de uma edição de domingo, o jornalão nova-iorquino derrubou o fetichismo em torno da infalibilidade da imprensa e confirmou o princípio de que todos os poderes devem ser fiscalizados e devassados. Broncas, suspensões e demissões, até então mantidas entre quatro paredes ou divulgadas de forma circumspecta, agora serão do domínio público. Sem privilégios, livres dos constrangimentos corporativos e solidariedades gremiais” (Dines, 2003).

Em contrapartida, outras vozes foram um pouco mais além, sugerindo que o “*acto de contrição*” público, por muito respeitável que parecesse, podia estar a escamotear alguns dos elementos mais importantes e sensíveis deste escândalo:

“Veja-se o artigo de quatro páginas do Times, supostamente contando tudo acerca de Blair. Pelo tom auto-complacente da peça, bem como do editorial desse dia, tornava-se bem claro que o Times pensava que estava a deixar o escândalo para trás das costas. Mas qualquer leitor mediano – que não a gestão do Times – podia ter-lhes dito que este “dizer-tudo” não dizia nada sobre o cerne da história. As questões da raça ou da cultura do Times ou o estilo pessoal de [gestão de] Raines eram passadas em claro” (Grunwald, 2003).

“ [A autocrítica publicada pelo *NYT*] foi um julgamento em que o Times funcionou como investigador, acusador, advogado de defesa, juiz, júri e executante. Foi um julgamento-espectáculo (‘show trial’), destinado a expurgar o rasto e a memória de Jayson Blair e a procurar a absolvição dos leitores. (...) Este ritual de confissão, absolvição e penitência acaba, sem querer, por esconder tanto quanto revela. As instituições têm os comportamentos desviantes que merecem. (...) Jornais que valorizam o original, o espantoso e o rápido arriscam-se a ter muitos plágios e fabricações” (Carey, 2003).

Face à perplexidade crescente sobre como tinha sido possível um jovem repórter ludibriar tanta gente, durante tanto tempo, numa das organizações jornalísticas mais

⁶ A referência à cor de pele do jornalista é significativa para a compreensão global da história, pois, como adiante se verá, foi um dos elementos mais presentes nas polémicas então geradas.

poderosas e supostamente mais fiáveis dos EUA, rapidamente se descobriu uma série de problemas de fundo no interior da redacção (desatenções inexplicáveis, falhas de comunicação interna, suspeitas de favoritismos pessoais, insuficiências de gestão editorial) que iam muito para além dos episódios protagonizados por Jayson Blair, e nos quais era preciso mergulhar para entender melhor o que se passara.

Os variadíssimos debates, internos e externos, à volta destas questões, rapidamente amplificados (sinal dos tempos...) pelo recurso generalizado à comunicação através de *e-mails*, de *chat-rooms* e de *weblogs* ⁷, depressa tornaram evidente que o caso não iria resolver-se tão facilmente como se imaginara, pois adquirira uma dimensão muito superior à do indivíduo Jayson Blair – e já extravasara, inclusivamente, dos muros tradicionalmente sóbrios da “*Old Gray Lady*”, como na gíria costuma ser apodado o circunspecto *NYT*.

Que as coisas ganhavam uma dinâmica acelerada prova-o o facto de, ainda nesse mês de Maio de 2003, mais um conhecido (e premiado) jornalista do *NYT*, Rick Bragg, se ter demitido, depois de suspenso disciplinarmente por duas semanas. A falha profissional apontada, no caso, foi a utilização, numa reportagem, de materiais recolhidos no terreno por um colaborador *freelancer* do jornal, e não directamente por Bragg, sem que tal circunstância (e designadamente a assinatura do colaborador, sob a forma de co-autoria) tenha sido dada a conhecer aos leitores. Algo, disse mais tarde Rick Bragg, que era prática corrente no *NYT* ⁸, e que só fora questionada agora porque haveria um excesso de zelo para ‘limpar a face’ da casa e um clima de “*caça às bruxas*” na esteira do escândalo Jayson Blair (ironizava-se até com o nome deste, aludindo a uma espécie de “*Blair Witch Hunt Project*”...).

Howell Raines e Gerald Boyd, respectivamente director editorial e director adjunto, acabam por ter de resignar. A demissão, apresentada em 5 de Junho, é logo aceite pelo proprietário do *NYT*, ele que, menos de um mês antes, tinha garantido que não aceitaria tais demissões, pois não desejava “*demonizar*” quem quer que fosse. A medida parece ter sido generalizadamente bem aceite no interior do jornal, embora houvesse também quem se perguntasse, aqui e ali, se não se estaria “*a fazer dos jornalistas bodes expiatórios de um*

⁷ Mark Glaser, num texto publicado na *Online Journalism Review* (“For bloggers, NYT story was fit to print” - 10.6.03), chega a sugerir que a agitação provocada por esta história nos meios da Net significou para o “site Romenesko” – um conhecido “weblog” de comentário e crítica dos “media” –, em termos de promoção, “*o que a primeira Guerra do Golfo Pérsico significou para a CNN*”.

⁸ “*Há ali [no NYT] uma grande diferença entre a política de assinaturas e a prática de assinaturas*”, disse Rick Bragg, cit. por Tara Burghart, “New York Times reporter Bragg resigns”, in *Associated Press Online*, 29.5.03.

sistema disfuncional”⁹. O ponto mais significativo era, afinal, a confirmação, já antes vislumbrada, de que estas saídas “*tiveram menos a ver com os desastres de Blair e Bragg do que com o consertar uma redacção que para muitos tinha perdido moral desde que Raines e Boyd assumiram funções*” e onde se multiplicavam “*queixas sobre o funcionamento autocrático do director*” (Strupp, 2003b).

Entretanto, uma comissão constituída por uma vintena de peritos e nomes prestigiados do jornalismo, quer de dentro quer de fora do jornal, começou a trabalhar para tentar perceber melhor tudo o que correra mal com Jayson Blair, tudo o que corria mal num jornal que permitia essas ‘aberrações’ e tudo o que seria preciso alterar para, no essencial, recuperar uma credibilidade que se sentia tinha sido fortemente abalada. A decisão de fazer esta vasta auditoria interna era justificada com grande clareza e sentido auto-crítico nas próprias páginas do jornal:

“Uma série de êxitos bastante espectaculares pode ter-nos tornado demasiado auto-convencidos, demasiado seguros de que o futuro traria simplesmente mais do mesmo. Agora estamos a reexaminar algumas das nossas regras e estruturas internas” (N/A, 2003c).

A comissão de peritos – chamada “*Siegal Comitee*”, a partir do nome de Allan M. Siegal, antigo editor do jornal –, haveria de apresentar o seu relatório final logo em Julho de 2003, com uma série de sugestões que rapidamente foram aceites pelos responsáveis do NYT: a nomeação, até aí sempre recusada, de um Provedor do Leitor (“*public editor*”) – que assumiu funções em Dezembro de 2003 –, a nomeação de dois novos editores para tratar quer da vigilância pelo respeito das regras e procedimentos internos (“*standards editor*”), quer do recrutamento e formação de novos jornalistas (“*staffing and career development editor*”), a revisão e pormenorização de algumas das normas do Livro de Estilo do jornal, nomeadamente as que procuram restringir ao máximo o recurso a fontes não identificadas e as que obrigam a um respeito escrupuloso da transcrição de citações em discurso directo, quando apresentadas entre aspas.

⁹ Estas são palavras de Errol Cockfield, presidente da Associação Nova-Iorquina de Jornalistas Negros, que acrescentou: “*Há muitos jornalistas negros que se interrogam sobre se, num esforço para restaurar a credibilidade, o NYT não terá ido longe demais*” (Errol Cockfield, citado por Jacques Steinberg, “*Times’s two top editors resign after furor in writer’s fraud*”, in *The New York Times*, ed. de 6.6.03). Convém recordar, de resto, que o editor-adjunto Stephen Boyd, agora demitido, era o primeiro negro, em toda a história do NYT, num cargo de tão alta responsabilidade.

Ultrapassada a tentação inicial de sacrificar apenas o responsável individual por um conjunto de anormalidades e seguir em frente, admitida a suposição de que ele era, ao menos em parte, **produto** e **sintoma** de problemas mais vastos no conjunto da redacção, o jornal americano acabou por ir bastante mais fundo na tentativa de recuperar a sua credibilidade. Não se ficou pelo ‘expurgar’ de um jornalista funcionando de modo supostamente marginal ao sistema e à cultura do jornal; questionou esse próprio sistema, essa própria cultura, no pressuposto de que, independentemente do lado aberrante ou até sociopata de Jayson Blair, uma conduta individual escandalosa encontrara no *NYT* do tempo um terreno bastante propício onde germinar e progredir com aparente impunidade, quando não com aplausos e promoções. Ou seja: o mesmo ‘caldo’ que permitira um Jayson Blair podia, a manter-se, permitir ou favorecer outros, maiores ou mais pequenos.

3. As principais controvérsias

Da história aqui evocada emergiram, ao longo de semanas, diversas controvérsias importantes, tendo em vista a compreensão do que se passara e a necessidade, por muitos pressentida (dentro e fora do *NYT*), de tirar algumas lições para o futuro. Assistiu-se, assim, a uma progressão de argumentos, numa lógica quase de círculos concêntricos, que num **primeiro círculo** responsabilizava essencialmente o jovem Blair (sem esquecer a circunstância de ser negro), num **segundo círculo** alargava as culpas a uma cultura e a um sistema específico (o do *NYT*) cujo funcionamento levantava sérias reservas, e num **terceiro círculo** inscrevia esse sistema num outro, mais vasto, o do mercado dos *media* (e dos *media* mercantilizados), onde seriam detectáveis algumas **razões de fundo** para a explicação destes escândalos jornalísticos¹⁰. Atentemos nesses três níveis de responsabilização.

3.1. O jovem jornalista negro

As características de personalidade de Jayson Blair, visíveis desde os tempos em que estudara jornalismo na Universidade de Maryland, foram frequentemente invocadas para

¹⁰ E convirá notar que o “caso Blair” não é único, pois situações igualmente graves foram encontradas, na última vintena de anos, nos mais importantes jornais americanos: *The Washington Post* / “caso Janet Cooke” (1980), *The Wall Street Journal* / “caso R. Foster Winans”, *Los Angeles Times* / “caso Staples Center” (1999), *USA Today* / “caso Jack Kelley” – o mais recente, ocorrido já em 2004 –, *The Boston Globe* / “caso P. Smith & M. Barnicle” (1998), *New Republic* / “caso Stephen Glass” (1998) – deste último, aliás, se fez o filme “Shattered Glass”, cuja estreia em Portugal ocorreu em Abril de 2004. No caso português, a memória recente (Janeiro/Fevereiro de 2003) traz-nos a cena o caso de plágio protagonizado por Clara Pinto Correia nas páginas da revista *Visão*.

explicar a sua longa história de mentiras no NYT: distúrbios psicológicos, tendências maniaco-depressivas – que obrigaram, juntamente com alguma dependência de álcool e drogas, a tratamentos médicos –, ambição, desejo de sucesso nos “*big-time media*”, vontade de se destacar¹¹. Para além disso, debateu-se, por vezes com algum excesso, a questão de saber se ele tinha sido tratado com maior condescendência (ou até se tinha tido tão rápida entrada nos quadros redactoriais do prestigiado NYT) pelo facto de ser negro. Convirá recordar que tudo isto se passou numa altura (fins dos anos 90 do século passado) em que o tema da “*diversidade*” (“*diversity*”) era presença constante e ‘politicamente correcta’ no discurso dos grandes *media* americanos, defendendo-se uma atitude de “*discriminação positiva*” (“*affirmative action*”) que tornasse mais presentes as diversas minorias – mulheres, negros, hispânicos – no seio das redacções.

O próprio NYT, embora sublinhando os méritos do jovem candidato a jornalista e a sua “*notável história de trabalho*”, não deixou de referir, no seu célebre ‘mea culpa’ de 11.5.03, que Blair fora admitido para um primeiro estágio no NYT, no Verão de 1998, no âmbito de “*um programa de estágios que estava então a ser usado em grande parte para ajudar o jornal a diversificar a sua redacção*”. E também Jayson Blair não se coíbiu de fazer referências a essa circunstância (“*Eu era um negro no NYT, algo que te prejudica tanto quanto te ajuda*”¹²), mas admitindo-se igualmente vítima de discriminação negativa: “*Acho que teria sido mais difícil entrar no Times, se fosse branco, e acho que provavelmente também não teria caído tão depressa*”¹³. A verdade é que, como lembrou Dan Kennedy (Kennedy, 2003), houve nos últimos anos muitos mais escândalos com jornalistas brancos nos EUA, o que não admira, uma vez que, conforme lembra, só cerca de 12 por cento dos jornalistas empregados por redacções americanas provém de minorias e só pouco mais de cinco por cento são negros. Sucede, contudo, que nos casos com brancos nunca costuma fazer-se referência à cor da pele.

Esta linha de argumentação sobre a raça rapidamente foi contestada por diversos comentadores dos *media*, que viam nela sobretudo uma tentativa do NYT de encontrar desculpas fáceis e rápidas para o sucedido e, assim, ficar de bem com a sua própria consciência: seria uma justificação pela **excepção**, sem pôr em causa a **regra** do

¹¹ Como ironiza Aileen Jacobson (“Struggles for an ‘idealistic liar’”, in *Newsday.Com*, 15.3.04), essa tendência levou-o mesmo a decidir acrescentar um “y” ao seu mais banal nome original – Jason.

¹² Jayson Blair em entrevista a Sridhar Pappu, ““So Jayson Blair could live, the journalist had to die””, in *New York Observer*, ed. de 26.5.03.

¹³ Jayson Blair em entrevista a Brian Braiker, “The Blair Witch Project”, in *Newsweek*, ed. de 11.3.04.

funcionamento do jornal. Para além disso, surgiram receios de que, através deste caso negativo, começasse a pôr-se em causa o esforço dos *media* americanos por construir redacções com maior “*diversidade*” em termos de minorias. Considerando não só “*falso*” como “*tolo*” dizer que este caso tinha essencialmente a ver com a raça, o Provedor do Leitor do *Chicago Tribune*, Don Wycliff, acrescentava que igualmente “*tola*” era “*a ideia de que o comportamento de Blair de algum modo pode demonstrar o falhanço de todos os esforços para diversificar os ‘staffs’ das redacções da América*” (Wycliff, 2003).

3.2. O interior do ‘NYT’

De culpas e responsabilidades meramente individuais passou-se, então rapidamente para a descoberta de eventuais culpas mais alargadas, alegadamente decorrentes do próprio ‘sistema’ e modo de funcionamento do *NYT*, até porque uma das maiores interrogações do caso continuava a ser como fora possível a um jovem repórter, mesmo invulgarmente dotado para a mentira, conseguir manter aquelas práticas durante anos, e no bastião mais forte, mais exposto, supostamente também mais organizado, da imprensa americana:

“Blair parecia intocável não por causa da raça, dizem jornalistas do *Times*, mas porque se ajustava ao molde de Raines [o director] de um jovem sôfrego [*‘hungry’*], disponível e empreendedor [*‘single go-getter’*], capaz de cair de pára-quedas num sítio e produzir rapidamente uma história” (Kurtz, 2003).

“À respeitabilidade e à verificação das fontes, ele [Howell Raines, o director] prefere uma política de golpes [*‘coups’*], postos em destaque na primeira página. Selecciona uma equipa de jornalistas-vedeta, aos quais confia as melhores reportagens. Apesar da sua falta de experiência, Blair é um deles” (Rousselot, 2003).

“A real lição do caso Blair é que o sistema do *Times* para lidar com o rigor [*‘accuracy’*] no seu jornal e a disciplina na sua redacção é muito facilmente infringido – se é que existe sequer algum sistema. (...) Uma incontornável conclusão deste escândalo é que o *Times* desenvolveu uma tolerância doentamente dependente [*‘addictive’*] face a fontes anónimas, a cocaína [*‘crack cocaine’*] do jornalismo” (N/A, 2003b).

“Se a liderança do *Times* tiver juízo, deve reconhecer este desastre institucional em tudo o que ele é de facto e reflectir sobre a cultura que o produziu. Isso não fará apenas mudar editores; fará mudar atitudes” (Broder, 2003).

O leque de comentários aqui transcritos, a título meramente exemplificativo, ajuda a sistematizar os principais focos de crítica e de controvérsia suscitados pelo funcionamento interno do *NYT* à época (sobretudo ao nível da redacção, mas também em alguma medida ao nível da empresa):

- **desatenções inexplicáveis** (Blair, entre Outubro 2002 e Abril 2003, escrevera textos supostamente de mais de 20 cidades diferentes, pertencentes a seis estados, mas não apresentara nem uma conta de hotel, bilhete de avião ou despesa de transporte – porque, de facto, nunca saíra do seu apartamento em Nova Iorque – e ninguém pareceu espantar-se com tal situação; eventualmente essa circunstância até pode ter sido levada a seu crédito, pois produzia muito e gastava pouco em despesas de serviço...);
- **falhas sistemáticas na comunicação interna** (o jovem repórter levantava suspeitas numa determinada secção do jornal mas era transferido para outra e o novo responsável não conhecia o seu historial recente¹⁴; colegas de Blair que aparentemente conheciam algumas das situações duvidosas em que ele se enredara não se sentiam à vontade para avisar os editores ou os directores dessas práticas questionáveis);
- **suspeitas de favoritismos pessoais**, com vantagem para os jornalistas mais ambiciosos, hiper-competitivos, sempre ‘em cima’ de histórias candidatas à primeira página¹⁵ (Blair foi promovido para a equipa nacional quando já se acumulavam muitas dúvidas sobre a lisura de alguns dos seus procedimentos e se sucediam as correcções aos seus textos, sendo que o director Howell Raines dizia gostar do seu estilo “agressivo”, da sua “fome” de trabalho e da sua disponibilidade permanente, o mesmo sucedendo com o director-adjunto, Stephen Boyd, negro como Jayson, e muito empenhado em favorecer a política de “diversidade” no jornal);
- **gestão demasiado centralizada e verticalizada por parte da Direcção Editorial** (propiciadora, de acordo com os jornalistas da casa, de um clima de intimidação,

¹⁴ O próprio NYT o admitiu, no extenso “mea culpa” da edição de 11.5.03 (N/A, 2003a): “*Algo falhou claramente na redacção do Times. Parece ter sido a comunicação – ela que é o próprio objectivo do jornal*”.

¹⁵ Não é certamente por acaso que algumas das “fabricações” mais comentadas de Blair surgiram quando ele cobria temas “emocionalmente fortes na história recente” dos EUA (como se lhes referiu o próprio NYT em 11.5.03), fossem eles o 11 de Setembro, o caso do “sniper” assassino nos subúrbios de Washington ou as histórias das famílias de soldados enviados para a guerra no Iraque. Histórias cheias de impacto e emoção, títulos fortes, temas de grande expectativa pública, tornavam ainda mais permeável o já de si pouco rigoroso ‘crivo’ da hierarquia do jornal.

de individualismo, de falta de debate interno, e também de desresponsabilização das chefias intermédias).

- **recurso excessivo, e raramente questionado pela hierarquia, a fontes não identificadas**, mesmo em matérias de importância nacional que davam títulos de primeira página. Era na garantia de confidencialidade que se escudava Jayson Blair para inventar ou distorcer citações com razoável impunidade, pois nem sequer os editores directos cuidavam muitas vezes de saber quem eram as fontes por ele consultadas¹⁶. Este é um procedimento bastante generalizado, sobretudo no jornalismo político americano (e não só...), não faltando quem o veja em alguma medida legitimado pelo impacto histórico do “*caso Watergate*”, descoberto e desenvolvido com a preciosa ajuda de uma até hoje anónima “*Garganta Funda*”. Embora, na generalidade dos jornais, os responsáveis editoriais tendam a concordar em que este recurso deve ser usado com parcimónia e prudência, ele entranhou-se de tal modo nos hábitos de quem **faz** e de quem **cobre** a actividade política (com ganhos para ambas as partes e sempre com o argumento final de que ‘*se eu não faço, o meu concorrente faz e fica em vantagem*’), que as práticas raramente se adequam às doutrinas¹⁷. Não foi certamente por acaso que uma das consequências mais imediatas do “caso Blair” se traduziu na revisão muito pormenorizada, em diversos jornais para além do *NYT* (um deles foi o competidor directo *Washington Post*) das circunstâncias em que podem utilizar-se fontes não identificadas. E uma das novas normas adoptadas foi a de que, sendo necessário ocultar o nome de uma fonte de informação num texto publicado, ele deve, em todo o caso, ser revelado ao editor responsável (com o natural dever solidário de sigilo, que obriga não só o **jornalista**, mas o **jornal**). Esta foi, afinal, uma das medidas tendentes a aperfeiçoar e a reforçar os mecanismos de controlo e de “*accountability*” – de responsabilização, de prestação de contas – no interior do

¹⁶ E o facto de Jayson Blair chegar frequentemente à redacção com citações “*too good to be true*” não só não levantava suspeitas, estranhamente, como até parecia satisfazer os directores, sempre ávidos de títulos fortes, apelativos, e de manchetes com grande impacto... Como comentou Dan Kennedy (“News at the brink”, in *Boston Phoenix*, ed. de 23-29.5.03), Blair “parecia estar a fazer sozinho o trabalho de três pessoas – três pessoas **talentosas** – e por isso ganhava o respeito e a admiração dos seus editores. Como poderia ele parar?”.

¹⁷ Dizia a ex-provedora do leitor do *Washington Post*, Geneva Overholser (cit. por Joe Strupp, “Hard times: journalism’s credibility problem”, in *Editor & Publisher*, ed. de 11.6.03): “Já fomos além de todos os códigos por que nos regíamos: até permitimos a fontes anónimas que dêem opinião...”.

NYT, pois se concluiu que eles eram poucos e frágeis, a ponto de permitirem os abusos continuados de Jayson Blair sem grandes sobressaltos. O reduzido controlo das matérias a serem publicadas é em parte compreensível para o meio em questão¹⁸, mas em parte também pouco desculpável no caso vertente, atendendo aos ‘rastros’ que Blair foi deixando e às estranhas coincidências que o envolviam (por que motivo os outros *media* não pegavam em algumas das “cachas” divulgados pelo repórter?...). Como sintetizava Rem Rieder,

“Não há maneira de impedirmos pessoas sem escrúpulos de fazerem coisas más. Mas tem de haver uma maneira de as apanhar mais rapidamente – particularmente quando deixam tantas pistas” (Rieder, 2003).

- **ausência de instrumentos facilitadores da comunicação dos leitores com o jornal** (de que foi exemplo muito comentado a inexistência de um Provedor do Leitor, sempre recusado, até à data, pelos responsáveis do *NYT*), que terá ajudado a explicar uma das maiores perplexidades deste caso: por que motivo as pessoas envolvidas nas invenções, distorções ou plágios saídos da caneta de Blair nunca, ou quase nunca, se queixaram ao *NYT*? Ficou a ideia de que elas estarão já acostumadas a tais práticas jornalísticas e a olhá-las como “*procedimentos normais*” – o que é grave, ou, então, que não acreditam que alguma iniciativa nesse domínio possa ser bem recebida e produzir algum efeito concreto no jornal – o que não é menos grave¹⁹. Ou seja, a falta de “*accountability*” não se sentia só para dentro de portas, mas também para fora delas.

3.3. O contexto envolvente

Num terceiro, e mais alargado, nível de reflexão sobre as potenciais origens e razões deste tão notório desvio às regras básicas do jornalismo por parte de um jovem repórter

¹⁸ Como escreveu Elizabeth Colbert (“Tumult in the newsroom”, in *New Yorker* de 30.6.03), “o *Times* não supervisiona os seus repórteres – é dado por adquirido que eles tratam bem as coisas”. E mais adiante: “O jornalismo diário, por uma série de razões práticas, depende desta espécie de confiança.(...) O problema, no caso de Blair, é que o *Times* torceu as suas regras para o manter no trabalho – uma indulgência que, pela sua própria lógica, estava destinada a acabar mal”.

¹⁹ Aquando deste caso, foi muito referida uma sondagem de 2002 do Pew Research Center (citada no jornal *PÚBLICO*, ed. de 19.5.03) que apurara que 56 por cento dos americanos considerava que os “media” cometem “erros frequentemente” e 67 por cento achava que os jornalistas “procuram encobrir esses erros”. Uma outra sondagem, esta de 2003 e da autoria da Gallup (citada no jornal *PÚBLICO*, ed. de 1.6.03), reforçava esta tendência: 62 por cento dos inquiridos era de opinião que as notícias dos “media” “são frequentemente inexatas” – o valor mais baixo desde 1985.

aparentemente talentoso e bem formado numa escola da especialidade, diversos analistas e estudiosos chamaram a atenção para o contexto mais vasto em que estas práticas individuais (de Jayson Blair) e colectivas (do *NYT*) se inseriam, e de onde em alguma medida decorriam. Sem querer desculpabilizar a **pessoa concreta** que tantas fraudes cometera (como comentava o director do The Denver Post, Greg Moore, “*pode parecer assustador, mas toda esta actividade é baseada na confiança*”²⁰) ou o **jornal concreto** onde elas puderam acontecer tão continuamente (como dizia David Broder, “*o pecado mais fundo do jornalismo dos grandes meios é a arrogância, a crença na nossa omnisciência, a crença de que sabemos tanto que não precisamos de ouvir as vozes críticas*”, e “*o Times enquanto instituição é quem lidera o grupo no que toca à arrogância*” – Broder, 2003), o episódio chamou a atenção para algumas tendências mais recentes da indústria mediática, bem como das suas envolventes económico-empresarial e tecnológica, que podem propiciar este tipo de comportamentos pouco profissionais e nada éticos.

“Segundo diversos analistas, o escândalo Blair é sintomático de uma erosão generalizada na ética do jornalismo que começou há cerca de 15 anos, quando a difusão dos jornais começou a descer rapidamente. Os jornais, vendo os seus leitores sugados pela televisão, começaram a pedir histórias mais coloridas e envolventes” (Marks, 2003).

“Quanto àquilo que está mal genericamente no jornalismo americano, precisamos de uma nova definição de sucesso (...) Blair operava sob o credo (auto-imposto ou não) de que, para conseguir subir numa profissão e num negócio que cada vez mais mede as suas vitórias pela celebridade e não pela substância, uma pessoa tem que ganhar grande (*‘win big’*) e ganhar muitas vezes. É uma mentalidade que cresceu nos últimos 20 anos” (Goodpaster, 2003).

“O fosso entre ideais professados e práticas encorajadas é precisamente aquilo que um sociopata explora. Essas personalidades são especialmente capazes de retirar vantagem da fraqueza e da vaidade de organizações e de indivíduos, de saber quem precisa de ser bajulado e de que modo, e que caminhos podem ser atalhados com segurança. Eles reconhecem o poder de um segredo bem guardado: a cultura do jornalismo professa lealdade à verdade, minúcia, contexto e sobriedade, mas de facto recompensa a proeminência, a ‘cacha’, o destacar-se da multidão e a narrativa capaz de fascinar. Os sociopatas acreditam que só estão a dar aos seus superiores aquilo que é secretamente desejado. (...) O número de jornalistas assim arrisca-se a ir aumentando no mundo que estamos a criar. (...) Os sociopatas, em toda a sua anormalidade, dão-nos novamente lições sobre os mistérios mais recônditos do normal” (Carey, 2003).

Foi certamente por estes motivos enquadramentos que o caso de Jayson Blair acabou por adquirir uma dimensão bem superior a ele próprio ou ao seu jornal, apontando pistas de reflexão para o jornalismo que se faz hoje, designadamente na imprensa, e até nos órgãos de comunicação – os chamados “*de referência*” – que nos habituáramos a ver, apesar de tudo,

²⁰ Greg Moore, cit. por Joe Strupp, “Boyd says some at *NY-Times* are scared”, in *Editor & Publisher*, ed. de 13.5.03.

com vontade de resistir aos apelos fortes da informação-espectáculo, da facilidade, da ligeireza ou do nivelamento ‘por baixo’ no que toca à tentativa de captação de audiências.

Estas pressões sentem-se **nas empresas** de *media* e particularmente **nas redacções**, onde os constrangimentos económicos e a escassez progressiva (aliada à precariedade crescente) de emprego aumentam a competição, impõem ritmos de produção dificilmente compagináveis com o rigor ou o aprofundamento razoável das matérias e fragilizam a capacidade de resistência a solicitações de trabalho eticamente duvidosas. É também num ‘caldo’ destes que podem surgir e medrar – por vezes com o incentivo das próprias chefias – comportamentos do tipo do de Jayson Blair:

“No hiper-competitivo mundo dos media mais importantes, a tentação de fazer batota foi obviamente maior do que aquilo que Blair podia aguentar. “Ele parecia estar a fazer o trabalho de três pessoas – três *talentosas* pessoas – e ganhava o respeito e gratidão dos seus directores. Como poderia ele parar?...” (Kennedy, 2003).

Mas o problema não está apenas no interior das redacções, ou até nas escolas que preparam futuros jornalistas – e que, na sequência deste caso, começaram um pouco por toda a América a perguntar-se se estarão a dar aos jovens a formação ética adequada, e necessária, para a imersão neste mercado tão tentador como exigente. O contexto envolvente aqui referido sugere também uma erosão acentuada **na relação entre as pessoas e os media**, bem como **nas representações** que hoje têm do jornalismo em geral, e dos jornalistas em particular. A impressão frequente de que “*não vale a pena queixarmo-nos aos jornais*” porque “*todos fazem isso*”, ou a aceitação passiva de grandes ou pequenas ‘ficções’ a temperar os ‘factos’ como algo normal no trabalho de jornais e televisões, é um sintoma que vai corroendo uma relação que devia ser de confiança – e que tem efeitos profundos no contexto de uma sociedade democrática, como eloquentemente explicou Richard C. Wald:

“Então o caso de Jayson Blair está empolado, certo? Errado. Ele fere o Times, o que é uma vergonha; ele fere o jornalismo, embora nós sobrevivamos a isso; mas ele fere a sociedade de modos que normalmente não são muito considerados (...).”

“Se uma série de gente desistiu, ou não conseguiu queixar-se de uma instituição tão proeminente como o NYT, se as pessoas não se queixam acerca de uma miríade de outras coisas que estão erradas, então a separação entre a imprensa e as pessoas já vai suficientemente longe e fundo para se tornar perigosa para todos nós (...).”

“Quando a informação se torna passageira e não valiosa, quando já não interessa quem a traz até ti ‘porque eles são todos iguais’, a sociedade civil tem um problema. (...) A nossa sociedade é baseada na informação, simultaneamente aceite como verdadeira e importante de se ter. Se nós pensamos que não é verdadeira e que não vale a pena queixarmo-nos disso, então temos um problema muito maior do que o Sr. Blair ou o New York Times” (Wald, 2003).

Vale a pena sublinhar, apesar de tudo, que este caso parece ter espreitado um pouco os leitores de jornais (também graças à capacidade de iniciativa que estes finalmente mostraram, abrindo canais de comunicações mais ágeis com os seus públicos, solicitando expressamente o envio de queixas ou críticas e fazendo eco delas com uma receptividade nem sempre verificada no passado), sugerindo que todas as partes podem ter retirado alguns dos ensinamentos do sucedido. Um deles é o que foi posto em evidência pela directora de um pequeno diário americano, Jeannine Guttman, ao sustentar que “os leitores são o supremo posto de controlo da qualidade dos jornais” ²¹. O controlo, afinal, que não funcionou no NYT, e que algumas vozes consideraram ser um dos aspectos importantes desta história, como, por exemplo, Mark Jurkowitz: “Uma das questões mais perturbadoras sobre o caso Blair é por que motivo tantos leitores não apontam os erros sérios aos seus jornais” (Jurkowitz, 2003).

4. Conclusões

No fundo, era tudo mais fácil se pudéssemos resumir o episódio de Jayson Blair a um desvio patológico, a um comportamento aberrante e exterior ao sistema, a uma anormalidade individual rapidamente identificável, isolável e expurgável. Do que em diversos meios profissionais e académicos se foi reflectindo e debatendo sobressai, contudo, a ideia bastante clara de que o caso foi muito para além disso – na dimensão, no impacto e nas consequências –, tendo sido encarado (e trabalhado) como sinal particularmente revelador de um **tempo** e de um **modo** que suscitam tantas interrogações como apreensões. E, neste contexto, a nota porventura mais desconfortável reside em constatarmos que é sob a capa do *normal* que se escondem, hoje, algumas das mais preocupantes *anormalidades*:

- **as (a)normalidades de Jayson Blair**

Como muito perspicazmente fez notar a investigadora do Poynter Ethics Journal, Kelly McBride, nos “*pecados específicos*” de Blair encontramos, afinal, “*as transgressões comuns do jornalismo quotidiano*” (McBride, 2003), aquelas a que nem sempre damos demasiada importância (uma data errada e não corrigida, um pormenor de cenário inventado para dar mais ‘cor local’ ao texto, uma fonte desnecessariamente não identificada, uma frase ‘picada’ de outro jornal sem indicação de origem, uma

²¹ Jeannine Guttman, citada por Mark Jurkowitz, “Since the Jayson Blair scandal, more readers are becoming watchdogs”, in *The Boston Globe*, ed. de 11.6.03.

crónica de um jogo de futebol feita a partir do seu visionamento na televisão e não no estádio, sem que disso se informe o leitor ...) e que, inclusivamente, se vão tornando rotineiras a ponto de já não as estranharmos (sobretudo os jornalistas) nem nos queixarmos (sobretudo os leitores e as fontes de informação). Tornam-se uma prática *normal*, que só dá nas vistas quando se multiplica em proporções escandalosas ou quando, como aconteceu no caso Blair, o somatório de pequenas e grandes transgressões aos “*standards*” básicos do jornalismo acaba por criar uma “*besta*” que é “*maior do que a soma das partes*” (*ibid.*). Os anos de impunidade continuada de Jayson Blair porventura só foram possíveis precisamente porque ele não fazia, nas mais das vezes, coisas muito ‘*fora do normal*’ – e que, até por isso, não atraíam especialmente as atenções.

- **as (a)normalidades do sistema mediático**

Como dizia James Carey no texto acima referido (Carey, 2003), foi mais uma vez um sociopata a dar-nos, com todas as suas *anormalidades*, ensinamentos importantes quanto às teias que vamos tecendo sob a capa do *normal*. Compreender e explorar em seu favor as contradições entre os “*ideais professados*” e as “*práticas encorajadas*” (*ibid.*) no interior do *NYT*, à época destes factos, parece ter sido um dos mais engenhosos ‘segredos’ de Jayson Blair (que procedeu assim até com alguma dose de cinismo, como se viu mais tarde nas numerosas entrevistas que deu e onde se ufanava de ter ludibriado alguns dos mais reputados profissionais do jornalismo americano, dando-lhes aquilo de que eles intimamente gostavam, mesmo não o confessando no plano da doutrina...). Num cenário mediático cada vez mais vertiginoso, mais competitivo, em que dar as notícias **primeiro** parece ser prioritário relativamente ao dá-las **melhor**, os responsáveis pelas primeiras páginas dos jornais acabam, eventualmente, por não fazer todas as perguntas quando um repórter desenvolto e ambicioso lhes chega com uma história ‘quente’ que fará a diferença face aos concorrentes no dia seguinte. E esperar mais umas horas ou tratar de confirmar a informação junto de mais fontes pode significar perder a *cacha*... Tudo esquemas e funcionamentos rotineiros que alguém menos escrupuloso pode, com toda a naturalidade, usar em proveito próprio – até ao dia em que um pormenor falha.

- **as (a)normalidades da relação jornal-leitor**

Como deixa claro Richard Wald (Wald, 2003), só a aparente banalização dos ‘pequenos e médios erros’ dos jornais – com a consequente predisposição dos leitores para os aceitarem sem protesto ou reclamação, até por pensarem que alguma reacção sua não levaria a lado algum – explica que tanta gente directa ou indirectamente implicada nas reportagens de Jayson Blair não se tenha queixado das imprecisões, das mentiras, das invenções, dos plágios. Seria, também aqui, um funcionamento considerado relativamente “*normal*” na generalidade da Comunicação Social, algo que ‘os jornalistas costumam fazer’ e a que os jornais de algum modo dão cobertura. Ou, pelo menos, algo para cujo escrutínio público os jornais não abrem suficientes portas nem criam suficientes canais, pois até o simples contacto dos leitores com os responsáveis editoriais se torna tantas vezes problemático. A sensação de alguma impunidade da imprensa acaba, assim, por escamotear a sua indeclinável obrigação social de prestar contas àqueles em nome dos quais exerce o direito à liberdade de expressão. E prestar contas públicas é que devia ser o *normal*, não o escapar a elas com toda a... normalidade. De mais a mais, como Wald bem sublinha, a “*separação entre a imprensa e as pessoas*” é “*perigosa*” (ibid.), pois não se resume à imprensa: toca os fundamentos da cidadania e do legítimo direito/dever à crítica e à regulação dos serviços de interesse público.

Enfim, este caso suscita uma séria reflexão sobre os limites, as fronteiras e as articulações entre **responsabilidade individual** e **responsabilidade colectiva**, no que toca ao exercício concreto do jornalismo. De um primeiro momento em que os próprios responsáveis do NYT pretenderam resumir toda a história a um desvio individual, pessoal, caminhou-se rapidamente para um segundo momento em que se evidenciaram igualmente os factores globais, colectivos (tanto no interior do jornal e da empresa como no próprio funcionamento do sistema mediático actual), que podem ter contribuído para – quando não estimulado – a sucessão impune das transgressões de Jayson Blair às normas profissionais e éticas do jornalismo. Aqui e ali ter-se-á até chegado ao exagero de desculpabilizar quase completamente o repórter, considerando-o pouco mais do que um ‘produto’ das perversões do sistema e uma ‘vítima’ das sucessivas falhas de controlo do seu trabalho ou da pressão para que descobrisse sempre histórias novas e apelativas.

Não é difícil concluir que este episódio expôs muitas e graves fragilidades no que toca às rotinas de funcionamento do *NYT*, como foi amplamente diagnosticado pela “*comissão Siegal*” e assumido pelo jornal nas suas próprias páginas – a longa série de alterações feitas na sequência deste trabalho de análise e auto-crítica, tanto ao nível de pessoas (nova direcção editorial, novos editores, novas funções de controlo e acompanhamento dos jornalistas, nomeação de um Provedor do Leitor) como ao nível de regras de conduta profissional (alterações ao Livro de Estilo, normas mais apertadas quanto ao uso de fontes não identificadas e quanto à transcrição de citações de terceiros) dá bem a medida de como a **responsabilidade colectiva** em toda a história não foi escamoteada.

Mas as especificidades do trabalho jornalístico, designadamente com o pressuposto de confiança em que ele assenta e com a margem de liberdade e espaço criativo que ele inelutavelmente requer, permitem afirmar que há uma exigência correlativa de **responsabilidade individual**, sem a qual nunca teremos a plena garantia de um funcionamento adequado. Na altura destes acontecimentos, algumas abordagens jornalísticas procuraram mostrar como é que eles eram vistos em Portugal e até que ponto poderiam também suceder em jornais portugueses. A generalidade dos directores contactados para um trabalho do *Público*²² admitiu que casos semelhantes poderiam perfeitamente ocorrer nas suas publicações, fosse por dificuldade de controlar ao pormenor tudo o que é publicado, fosse pelas características próprias desta actividade, em que o jornalista muitas vezes trabalha e decide sozinho, não raro longe do próprio espaço físico da redacção e do olhar dos seus superiores hierárquicos. O director do *Expresso*, José António Saraiva, enfatizava, a esse propósito, a necessidade de “*uma base de confiança muito grande entre o director e cada um dos jornalistas*”²³. Algo semelhante, afinal, ao que afirmava o director do jornal americano The Denver Post, Greg Moore, quando comentava as tristes ocorrências no *NYT*: “*Pode parecer assustador, mas toda esta actividade é baseada na confiança*”²⁴. Ou ao que punha em evidência Elizabeth Colbert, nas páginas do *New Yorker*, quando chamava a atenção para a importância da “*confiança*”, explicando que “*ler a história de Blair como uma falha de supervisão é não entender a natureza do problema*”, pois “*o Times não supervisiona os seus repórteres – é dado por adquirido que eles fazem bem as coisas*”²⁵.

²² Paulo Miguel Madeira, “Fraude no ‘New York Times’ mostra vulnerabilidade jornalística”, in *Público*, ed. de 19.5.03

²³ Ibidem.

²⁴ Ver nota 20.

²⁵ Ver nota 18.

É, afinal, o que sintetizou Tom Rosenstiel (director do “*Project for Excellence in Journalism*”), nas próprias páginas do NYT, quando se questionava “*até que ponto um jornal pode proteger-se contra fraudes voluntárias cometidas por repórteres mal intencionados*”²⁶:

“É difícil apanhar alguém que esteja deliberadamente a tentar enganar-nos. E há riscos em criar um sistema de suspeição generalizada sobre os repórteres, pois ele pode interferir na relação de criatividade que é necessária numa redacção, bem como na relação de confiança entre repórteres e editores”.

E se é verdade que o contexto concreto em que se exerce a actividade tem grande importância na propagação e aprofundamento, junto dos jornalistas mais novos, de uma cultura profissional de exigência e rigor, não é menos verdade que a situação actual dos *media* e do seu funcionamento significa desafios cada vez maiores em termos da formação inicial e contínua dos jornalistas, designadamente em questões do foro ético e deontológico. Ora, como comentou o especialista em ética do Poynter Institut, Bob Steele,

“As organizações noticiosas estão claramente pouco empenhadas num efectivo desenvolvimento profissional e no treino de competências dos seus funcionários, tanto os menos experientes como os veteranos (...). O jornalismo gasta menos do que qualquer outro sector da indústria ou dos negócios em formação, e no entanto coçamos a cabeça sempre que surge um grande problema, e perguntamo-nos por que é que não aprendemos...”²⁷.

Acresce que, mesmo quando têm alguma atenção a estes domínios, as empresas informativas parecem cuidar mais dos instrumentos do foro legal do que dos do foro ético e deontológico – aqueles, afinal, que permitiriam aos jornalistas melhor governar os seus comportamentos profissionais e “*justificar racionalmente o uso que fazem da liberdade de acção que lhes é reconhecida*” (Bernier, 2001: 45).

As características particulares do ofício jornalístico – em que muito do trabalho de pesquisa da informação, de contacto com fontes, de organização do texto, é feito em solitário, e com exigências de criatividade mais do que de conformação a rígidas rotinas pré-estabelecidas (Lavine & Wackman, 1992) – acabam por permitir sempre, no limite, que alguns procedimentos individuais escapem a mecanismos de controlo exteriores, por muito presentes, minuciosos e sofisticados que eles sejam.

²⁶ Tom Rosenstiel, cit. por N/A, “Correcting the record”, in *The New York Times*, ed. de 11.5.03.

²⁷ Bob Steele, cit. por Kelly McBride, “What’s fit to print”, in *Poynter Ethics Journal/ Online*, 11.5.03.

As características específicas das empresas mediáticas e do ‘sistema’ em que se integram, não obstante signifiquem uma vasta teia de constrangimentos (jurídicos, administrativos, económicos, organizativos) à liberdade do jornalista, nem por isso anulam completamente o seu espaço de autonomia (Cornu, 1999a), a sua margem de manobra, o seu “*campo de liberdade*” (Mathien, 1992: 225), fazendo dele um profissional em alguma medida “*enquadrado*”, sim, mas nem por isso necessariamente “*submetido*” (Cornu, 1999b: 64). Aliás, esta liberdade de movimentos costuma ser tanto maior quanto mais os jornalistas se mostram sintonizados com os objectivos do jornal e da empresa em que trabalham, e sobretudo com as expectativas mais imediatas dos seus superiores directos – o que parece ter sido, claramente, o caso de Jayson Blair, no que consubstancia um aproveitamento ardiloso da confiança quase ilimitada que tão rapidamente soube conquistar.

Em muitas circunstâncias, ninguém, a não ser a **consciência individual** do próprio jornalista, saberá se foi correcto o modo de ‘sacar’ informações a uma fonte em estado emocionalmente frágil, se foi limpa a maneira de ter acesso a um determinado documento, se foi isenta e de boa fé a decisão de não transcrever certas passagens de um depoimento, se foi verdadeira a informação de que se tentou contactar ‘*por diversas vezes*’ aquela personagem implicada na história mas cuja versão acabou por não se dar, etc., etc. O ambiente colectivo em que se desenvolve o trabalho tem, certamente, influência no modo mais ou menos escrupuloso como se desempenham as tarefas profissionais, a existência de sucessivas instâncias de acompanhamento e controlo pode inibir tentações de ultrapassar de ânimo leve algumas regras do ofício, mas são também imprescindíveis, da parte de cada jornalista individualmente considerado, uma sólida formação e uma genuína adesão ao que implica, nos planos ético e deontológico, o exercício do direito/ dever de informar numa sociedade democrática. De outro modo, todo o jornal acabará sempre por ter, mais ou menos exuberante e mais ou menos exposto, o seu Jayson Blair.

Como sintetizava John Merrill, em comentário a uma controvérsia sobre se as decisões éticas são essencialmente ‘individuais’ ou ‘sociais’, “the individual is essential to ethics, but at the same time others are also needed; the individual cannot be ethical in a vacuum” (Merrill, in Gordon & Kittross, 1999: 54).

5. Notas complementares

A história de Jayson Blair e da sua passagem-choque pelo grande jornalismo americano deixou ainda mais uns quantos rastros que aqui se apontam sinteticamente:

- **A presença e importância crescentes da Internet:** foi graças às possibilidades de comunicação (mais formal ou informal) por ela proporcionadas que o caso não ‘morreu’ após a demissão de Blair e o correspondente “*acto de contrição*” público do *NYT*, pois tanto os jornalistas da casa como os profissionais e estudiosos de outros *media*, e de *sites*, e de *blogs*, e de *mailing lists*, mantiveram o assunto vivo, obrigando ao seu aprofundamento até níveis que mal se vislumbravam; são também os instrumentos facultados pela Internet (designadamente o *e-mail* personalizado) que se considera poderem vir a dar uma nova dinâmica à relação entre os leitores e os seus jornais, facilitando o acesso directo daqueles a jornalistas ou a responsáveis editoriais, permitindo reacções e correcções logo ‘em cima’ dos acontecimentos, proporcionando “*feed back*” imediato às histórias, enfim, estimulando uma maior interacção²⁸.
- **A proliferação de “*fact-checkers*”:** já havia algumas destas figuras em jornais americanos (trata-se de pessoas cujo trabalho é falar com fontes citadas em notícias para saber, *a posteriori*, se as informações veiculadas correspondem à verdade), mas o caso Blair aumentou assinalavelmente o seu número; repita-se, entretanto, que o reforço de mecanismos de controlo estrito do trabalho dos jornalistas, tendo as suas vantagens, comporta também alguns riscos se for demasiado longe, pois pode pôr em causa um ambiente de confiança que é essencial ao trabalho jornalístico.
- **A importância da vida pessoal dos jornalistas:** Bill Keller, o novo director do *NYT*, nomeado a seguir aos escândalos, disse, na sua primeira mensagem à redacção, que não seguia as teses do seu antecessor Howell Raines de considerar o jornalismo “*uma missão de combate sem fim*” e sugeriu que os jornalistas encontrassem um maior equilíbrio entre o seu trabalho e a sua vida pessoal, que

²⁸ Steve Outing sublinhou muito este aspecto ao dizer, referindo-se à Internet, que “os jornais dispõem hoje de ferramentas e de técnicas para recuperar a confiança do público que não existiam para gerações anteriores”. Cf. Steve Outing, “How the Web can restore journalism’s credibility”, in *Editor & Publisher*, ed. de 25.6.03.

considerou também importante e “*enriquecedora*” da experiência global dos profissionais ²⁹. O pressuposto é o de que gente excessivamente imersa no trabalho da redacção perde algum contacto com as realidades e as pessoas ‘quotidianas’, podendo entrar numa espiral de hiper-actividade e auto-destruição, mesmo com as melhores e mais generosas intenções.

- **O crime compensa:** Seguindo o que parece ser uma tradição americana, também Jayson Blair foi convidado para escrever o seu livro autobiográfico – “*Burning down my master’s house – My life at The New York Times*”, publicado em Março 2004 (Millenium Press) –, para o que recebeu um chorudo adiantamento em dinheiro. As críticas ao livro, no entanto, foram em geral negativas³⁰, tal como as reacções às múltiplas entrevistas (sobretudo televisivas) para que Blair foi convidado nas semanas seguintes ao escândalo. Como pano de fundo estava a discordância de muitos comentadores em verem projectado para a ribalta um homem cujo grande mérito tinha sido acumular fraudes e fraudes jornalísticas. Ou seja, alguém que ia à televisão e dava entrevistas não por ser “*famous*” [famoso], mas, ao contrário, por ser “*infamous*” [infame] (Strupp, 2003e).

* * * * *

REFERÊNCIAS

Artigos de jornais e revistas

Braiker, B. (2004) ‘The Blair Witch Project’ [entrevista a Jayson Blair], *Newsweek*, ed. 11.3.04.

Broder, D. (2003) ‘The perils of arrogance’, *The Washington Post*, ed. 11.6.03.

²⁹ Expressões de Bill Keller citadas por Joe Strupp, “Keller won the job, but lost a bet”, in *Editor & Publisher*, ed. de 15.7.03.

³⁰ Exemplo destas reacções negativas pode ser o texto de Brian Braiker na revista *Newsweek* (ed. de 11.3.04), no qual se refere ao livro de Blair com uma irónica e cáustica designação: “*The Blair Bitch Project?*”

- Burghart, T. (2003) 'New York Times reporter Bragg resigns', *Associated Press Online*, 29.5.03. <<http://www.ap.org>>.
- Carey, J. (2003) 'Mirror of the Times', *The Nation*, ed. 29.5.03.
- Colbert, E. (2003) 'Tumult in the newsroom', *New Yorker.Com*, ed. 30.6.03. <<http://www.newyorker.com>>
- Dines, A. (2003) 'Fim da caixa preta, controle social: avanço republicano', *Observatório da Imprensa*, 27.5.03. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>
- Fitzgerald, M. (2003) 'Blair fallout impacts newspapers across U.S', *Editor & Publisher*, ed. 20.5.03.
- Glaser, M. (2003) 'For bloggers, NYT story was fit to print', *Online Journalism Review*, ed. 10.6.03
- Goodpaster, E. (2003) 'Journalism's weakest link', *Christian Science Monitor*, ed. 27.5.03.
- Grunwald, M. (2003) 'Journalists used to judging, not to being judged', *American Journalism Review*, ed. especial, Junho de 2003.
- Jacobson, A. (2003) 'Struggles for an 'idealistic liar'', *Newsday.Com*, 15.3.04. <<http://www.newsday.com>>
- Jurkowitz, M. (2003) 'Since the Jayson Blair scandal, more readers are becoming watchdogs', *The Boston Globe*, ed. 11.6.03.
- Kennedy, D. (2003) 'News at the brink', *Boston Phoenix*, ed. 23-29.5.03.
- Kurtz, H. (2003) 'After Jayson Blair, a diverse array of questions', *The Washington Post*, ed. 19.5.03.
- Madeira, P. M. (2003) 'Fraude no 'New York Times' mostra vulnerabilidade jornalística', *Público*, ed. 19.5.03.
- Marks, A. (2003) 'New York Times resignations signal industry turmoil', *Christian Science Monitor*, ed. 6.6.03.
- McBride, K. (2003) 'What's fit to print', *Poynter Ethics Journal – PoynterOnline*, ed. 12.5.03. <<http://www.poynter.org/column.asp?id=53&aid=33614>>
- N/A (2003a) 'Correcting the record - Times reporter who resigned leaves long trail of deception', *The New York Times*, ed. 11.5.03.
- N/A (2003b) 'The Times addiction to anonymous sources', *Editor & Publisher*, ed. 22.5.03.
- N/A (2003c) 'Leadership at the Times' [Editorial], *The New York Times*, ed. 6.6.03.
- Outing, S. (2003) 'How the Web can restore journalism's credibility', *Editor & Publisher*, ed. 25.6.03.

- Pappu, S. (2003) ‘‘So Jayson Blair could live, the journalist had to die’’ [entrevista a Jayson Blair], *New York Observer*, ed. 26.5.03.
- Rieder, R. (2003) ‘The Jayson Blair affair’, *American Journalism Review*, ed. Junho 2003.
- Rousselot, F. (2003) ‘Le New York Times perd ses huiles’, *Libération*, ed. 6.6.03.
- Rutten, T. (2003) ‘A sweeping journalistic mea culpa’, *Los Angeles Times*, ed. 12.5.03.
- Steinberg, J. (2003) ‘Times’s two top editors resign after furor in writer’s fraud’, *The New York Times*, ed. 6.6.03.
- Strupp, J. (2003a) ‘Boyd says some at NY-Times are scared’, *Editor & Publisher*, ed. 13.5.03.
- Strupp, J. (2003b) ‘Lessons from the Blair affair’, *Editor & Publisher*, ed. 9.6.03.
- Strupp, J. (2003c) ‘Hard times: journalism’s credibility problem’, *Editor & Publisher*, ed. 11.6.03.
- Strupp, J. (2003d) ‘Keller won the job, but lost a bet’, *Editor & Publisher*, ed. 15.7.03.
- Strupp, J. (2003e) ‘Shoptalk’, *Editor & Publisher*, ed. 17.11.03.
- Wald, R. C. (2003) ‘How to worry about the Blair affair’, *Columbia journalism Review*, nº 4 - Julho/Agosto 2003.
- Wycliff, D. (2003) ‘The disciplines of journalism’, *Chicago Tribune*, ed. 15.5.03.

Livros

- Bernier, M.-F. (2001) ‘ L’éthique et la déontologie comme éléments de la légitimité du journalisme’, in Brunet, P. J. (sous la direction de) (2001) *L’éthique dans la société de l’information*, Québec : Les Presses de l’Université Laval / Paris : L’Harmattan.
- Bertrand, C.-J. (org.) (1999) *L’Arsenal de la Démocratie – Médias Déontologie et M*A*R*S**, Paris: Economica.
- Cornu, D. (1999a) *Éthique de l’information*, Paris : Presses Universitaires de France. [1ª edição :1997]
- Cornu, D. (1999b) *Jornalismo e verdade – Para uma ética da informação*, Lisboa: Instituto Piaget. [Ed. original: 1994]
- Gordon, A. D. & Kittross, J. M. (1999) *Controversies in media ethics*, New York: Longman.
- Mathien, M. (1992) *Les Journalistes et le Système Médiatique*, Paris : Hachette.

* * * * *

Anexo

CRONOLOGIA BÁSICA

- **1 de Junho de 1998** – Jayson Blair, um jovem de 23 anos candidato a jornalista, formado (embora com o curso ainda não concluído) na Universidade de Maryland, faz um estágio profissional, durante os meses de Verão, no “The New York Times” (NYT).
- **1 de Junho de 1999** – O jornalista volta a ter um estágio no NYT, acabando por ficar a trabalhar lá em permanência.
- **2001** - Depois de algum tempo como “staff writer”, Jayson Blair é integrado no quadro permanente da redacção do NYT, como “full reporter”, a par dos restantes 375 jornalistas do periódico.
- **Outubro de 2002** – Apesar de já ter suscitado algumas reticências em várias secções do NYT, Blair é ‘promovido’ e passa a integrar a pequena equipa que trata os assuntos mais candentes da actualidade nacional, nomeadamente o caso do “sniper” de Washington e as questões ligadas com a guerra dos EUA contra o Iraque.
- **29 de Abril de 2003** – A partir de uma denúncia de uma jornalista do San Antonio Express-News, descobre-se que um trabalho do jovem repórter sobre os familiares de um soldado americano morto no Iraque tinha sido em grande parte plagiado e noutras partes inventado, pois ele nem sequer se deslocara ao local (como dava a entender no texto).
- **1 de Maio de 2003** – Blair demite-se do NYT, na sequência da descoberta de que praticara múltiplas “fraudes jornalísticas” ao longo dos cerca de quatro anos em que trabalhara naquele jornal.
- **11 de Maio de 2003** – O NYT publica, ao longo de quatro páginas (com abertura na primeira página) uma longa explicação e pedido de desculpas pelo sucedido.
- **12 de Maio de 2003** – Allan Siegal, um reputado quadro do NYT, é convidado a formar uma comissão de peritos (entre eles alguns jornalistas exteriores ao NYT) encarregada de analisar em profundidade não só o caso Blair mas todas as questões de funcionamento interno da empresa e da redacção que poderiam ajudar a entender como fora possível que tudo aquilo tivesse sucedido, e durante tanto tempo, com aparente impunidade. A comissão (“Siegal Comitee”) começa de imediato a trabalhar, devendo apresentar conclusões até ao fim de Julho de 2003.
- **15 de Maio de 2003** – O director editorial [“executive editor”] do jornal, Howell Raines, embora admitindo que houve importantes falhas de comunicação interna neste caso, afirma que não se demite. O proprietário do NYT, Arthur Sulzberger afirma na mesma altura que não aceitará a demissão do director.
- **19 de Maio de 2003** – A foto de Jayson Blair faz capa na revista “Newsweek”.

- **21 de Maio de 2003** – Jayson Blair dá a sua primeira entrevista sobre o caso (ao “New Observer”), dizendo, entre outras coisas, que “gozou” com alguns dos mais brilhantes profissionais do jornalismo americano.
- **23 de Maio de 2003** – Outro jornalista do NYT, Rick Bragg, é suspenso por duas semanas, acusado de ter assinado sozinho uma reportagem para a qual contribuía também, substancialmente, um colaborador “free-lancer” do jornal.
- **28 de Maio de 2003** – Rick Bragg demite-se e abandona o NYT.
- **5 de Junho de 2003** – O director do NYT, Howell Raines demite-se, o mesmo fazendo o director-adjunto [“managing editor”], Stephen Boyd. As demissões são imediatamente aceites pelo proprietário, Arthur Sulzberger.
- **14 de Julho de 2003** – É anunciada a nomeação de Bill Keller como novo director editorial do NYT.
- **31 de Julho de 2003** – O director Bill Keller anuncia, entre outras medidas, a decisão do NYT de passar a ter um Provedor do Leitor e de alargar a estrutura da chefia da redacção a duas novas funções: um “standards editor” (que velará pelo adequado cumprimento das regras definidas para a profissão e para o jornal) e um “staffing and career development editor” (dedicado sobretudo ao recrutamento e acompanhamento dos jovens jornalistas). Anuncia igualmente a revisão e aprofundamento de um conjunto de princípios e normas do Livro de Estilo do jornal, designadamente no que respeita ao recurso a fontes não identificadas. Estas medidas surgem no seguimento das recomendações feitas pelo “Siegal Comitee”, e que a direcção do NYT seguiu praticamente na íntegra.
- **8 de Dezembro de 2003** – O novo (e primeiro) Provedor do Leitor do NYT – ali designado como “public editor” –, Daniel Okrent, inicia as suas funções, escrevendo o primeiro texto no jornal.
- **17 de Fevereiro de 2004** – A direcção do NYT apresenta à redacção uma série de novas (ou mais pormenorizadas) regras internas no que respeita ao uso de fontes confidenciais, ao relacionamento com as fontes, às citações em discurso directo (“quotation”), à atribuição de declarações a fontes (“attribution”) e à rigorosa situação – identificação dos trabalhos jornalísticos, designadamente ‘que jornalista fez o quê, onde e por que meios’ (“datelines” e “bylines”). Essas regras serão discutidas em reunião da redacção no dia seguinte e divulgadas publicamente, na sua versão final, em 25 de Fevereiro de 2003.
- **6 de Março de 2004** – É publicado o livro (autobiográfico) de Jayson Blair, “Burning down my master’s house - My life at The New York Times” (ed. New Millenium).

* * * * *